



Joaquim de Fiore: Trindade, história e milenarismo Joachim of Fiore: Trinity, history and millenarianism

Cláudio REICHERT DO NASCIMENTO¹

Resumo: O artigo mostra o sistema hermenêutico desenvolvido por Joaquim de Fiore para interpretar a Escritura e a história. A Figura do Mundo aparece como uma síntese deste sistema e representa a história geral (*generalis historia*), a qual diz respeito ao Antigo e ao Novo Testamento, e as histórias especiais (*especiales historia*). Estas histórias guardam relação entre as figuras bíblicas, inscritas nos dois testamentos, e os animais descritos na visão do profeta Ezequiel. Por fim, faz-se referência à crítica que Tomás de Aquino fez a doutrina do abade, pois para ele não haveria um novo evangelho que se sobreporia à nova lei.

Abstract: The article shows the hermeneutic system developed by Joachim of Fiore to interpret the Scripture and History. The World's figure appears as a synthesis of this system and represents the general history (*generalis historia*), with regard to the Old and New Testaments, and the special histories (*especiales historia*). These histories have the relation between the biblical figures, present in both testaments, and the animals described in the prophet Ezekiel's vision. Finally, it makes reference to the criticism that Thomas Aquinas made to the doctrine of the abbot, since there would not be a new gospel that overlap with the new law in his opinion.

Palavras-chave: Joaquim de Fiore – Trindade – História – Tomás de Aquino – Milenarismo.

Keywords: Joachim of Fiore – Trinity – History – Thomas Aquinas – Millenarianism.

Recebido em 15.03.2012

Accito em 27.03.2012

¹ Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este artigo é uma versão bastante aprimorada do texto *Joaquim de Fiore, Trindade, história e a crítica tomasiana*, apresentado no VII Salão de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2006. E-mail: claudioreichert83@gmail.com

I. Introdução

Joaquim de Fiore (1135-1202) causou inquietação na mentalidade do século XIII, gerando inclusive um conflito na Ordem dos Frades Menores entre os conventuais e os espirituais, ordem está fundada por Francisco de Assis, logo após o desaparecimento do abade calabrês, a ponto da obra joaquimita ser investigada e censurada e/ou condenada pelo Concílio Lateranense IV de 1215 e a Comissão de Anagni de 1255². Ademais, foi alvo das críticas de Tomás de Aquino, em razão da sua interpretação da história do mundo aliada aos mistérios da trindade, fazendo coincidir as três pessoas divinas com os estados ou eras, deste modo pondo em destaque a intervenção divina na história humana.

A concepção de história de Joaquim de Fiore toma como base a distinção do Antigo e Novo Testamento da Sagrada Escritura. Esta divisão da história parte de uma das visões do profeta Ezequiel que se encontrava exilado junto ao rio Quebar e vislumbrou quatro criaturas viventes que possuíam a semelhança de homem terreno, conforme relata a Sagrada Escritura. Cada uma destas criaturas continha quatro faces: uma com aspecto de homem, uma com aspecto de leão à direita, outra com aspecto de touro à esquerda e a quarta com aspecto de águia.³ A estas criaturas agregavam-se quatro rodas que tocavam a terra, possuíam o mesmo tamanho e estavam ligadas entre si.⁴ A partir desta passagem bíblica, Joaquim de Fiore projeta a divisão dos testamentos da Escritura por meio da chamada Figura do Mundo.

Pode-se dizer que na Idade Média há um uso pedagógico das imagens, pois elas são vistas como a mediação estética entre o mundo sensível e o inteligível. Não obstante, na Baixa Idade Média houve um processo de depreciação das imagens em função do conceito, figurando como claro exemplo disto o uso metodológico que os escolásticos fizeram na *quaestio disputata* a partir da qual eram explicadas as questões referentes aos mistérios da fé e da existência de Deus etc. Isso determinou o tratamento das imagens ora como um mero recurso didático, ora como um elemento sensível, empírico.

² RUCQUOI, Adeline. “No hay mal que por bien no venga”: Joaquín de Fiore y las esperanzas milenaristas a fines de la Edad Media. In: *Clio & Crimen*, n. 01, 2004, p. 217-249; ROSSATTO, Noeli Dutra, MARASCHIN, Leila Teresinha, REICHERT DO NASCIMENTO, Cláudio. *Evangelho eterno: a hermenêutica condenada*. In: *Filosofia Unisinos*, v. 11, n. 3, 2010, p. 298-339.

³ BÍBLIA SAGRADA. 42ª edição. São Paulo: Editora Paulinas, 1986, Ez 1, 5-10.

⁴ *Ibid.*, Ez 1, 13-20.

Neste caso, vamos empregar a Figura do mundo para indicar o significado dela para a compreensão do método hermenêutico por concórdia de Joaquim de Fiore e a discussão sobre a tese dos três estados. As imagens estão assim carregadas de significantes e significados formais, que indicam simbolicamente algo que deve incitar o pensamento.

II. A Figura do Mundo

A chamada Figura do Mundo faz parte da iconografia da Alta Idade Média. Ela apresenta duas esferas centrais, as quais se referem a duas divisões da história, denominadas histórias gerais (*generalis historia*). Aquela de menor tamanho e que ocupa o centro diz respeito ao Novo Testamento e é cingida por outra maior que faz alusão ao Antigo Testamento. A estas duas esferas centrais se inserem outras quatro de menor diâmetro e que são designadas de histórias especiais (*especiales historia*), sendo êmulas entre si, e fazendo referência aos quatro animais da visão profética descrita no livro de Ezequiel e no Apocalipse de João, em que aparece o arquétipo dos quatro animais: o Touro, o Homem, o Leão e a Águia, que se apresenta na Figura XV, do *Liber Figurarum*, composto no século XIII e atribuído aos discípulos de Joaquim de Fiore.

A Figura joaquimita reproduzido abaixo tem por função dar inteligibilidade a algumas passagens bíblicas que são compreendidas como dotadas de caráter profético, quais sejam, sobretudo, àquelas do livro apocalíptico de João, de Ezequiel e de Daniel. Esse vínculo é mostrado através da explicitação de um paralelo entre o Antigo e o Novo Testamento, em que as passagens bíblicas são vistas como repetidas em ambos os textos; e há uma equivalência ou concórdia entre duas significações, as quais encontram por fim uma única explicação espiritual.

Na *Introdução ao Apocalipse*, Fiore associa os quatro animais a quatro ordens de homens que atuam na história: a ordem dos apóstolos, caracterizada pelo Leão; a ordem dos mártires, pelo Touro; a do Homem, representando a ordem dos doutores; e a Águia a dos contemplativos. Também estão associados aos quatro elementos formadores do Mundo: Terra, Água, Fogo e Ar. Por isso, tal figura representa tanto o Mundo (ou História) quanto à própria interpretação do mesmo. Os animais da figura de Joaquim de Fiore não estão isolados. Eles estão dispostos em um caminho ascendente que vai do elemento mais baixo (Terra) ao mais alto (Ar) passando pelos intermediários (Água e Fogo).

Imagem 1

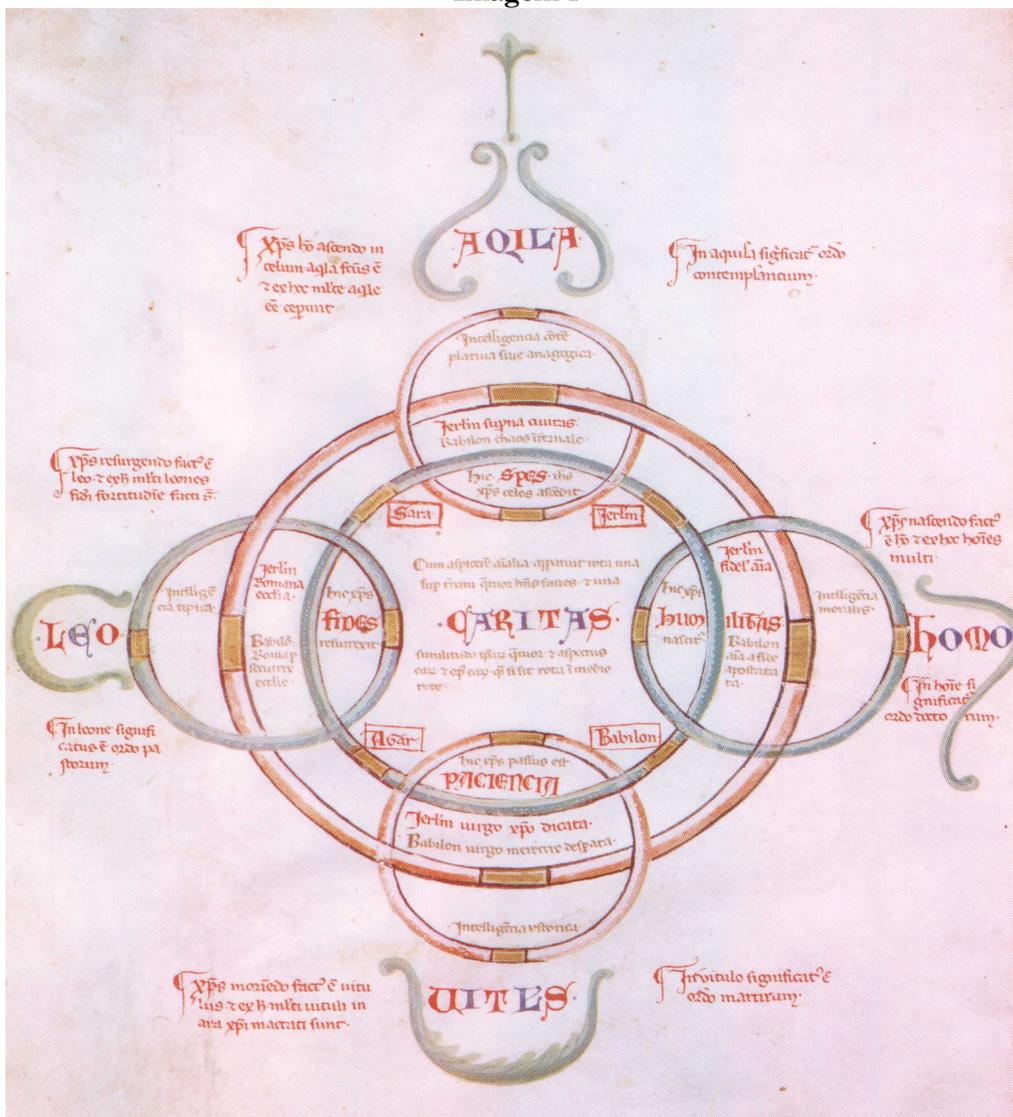


Figura do Mundo. Lo Specchio del Mistero – Le Tavole del Liber Figurarum di Giocchino da Fiore. (Catalogo della Mostra) Centro Internazionale di Studi Gioachimiti. San Giovanni: Pubblisfera, 2000.

Isso demarca a via em que a alma descende com o nascimento e incorpora os elementos do Mundo e depois ascende espiritualmente na medida em que se libera desses elementos. Por isso, a figura encontra similares na tradição medieval e moderna, por exemplo, nas figuras do Beato de Liébena e no Arcano XXI do Tarô de Marselha.

II.1. História geral (*generalis historia*)

Conforme se pode ver no diagrama da Figura do Mundo, o sistema hermenêutico por concórdia de Joaquim de Fiore reserva uma história geral para o Antigo Testamento e outra para o Novo Testamento. O círculo maior representa a história do povo hebreu, no período que diz respeito ao Antigo Testamento, e segundo Fiore seria o estado (*status*) do Pai e/ou primeiro estado (*primus status*), o qual teria iniciado com Adão e iria até as exposições de Esdras e de Nehemias. Ao Novo Testamento está reservada a roda de menor diâmetro. Ela corresponderia ao segundo estado (*status* do Filho e/ou segundo estado). Quanto à periodização, vai de Osias, alcança seu ápice no tempo em que viveu o homem Jesus, perpassando a História da Igreja, o período no qual Joaquim de Fiore escrevia e vivia, até a segunda metade do século XIII, considerado o término do segundo estado, entre 1200 e 1260.

É evidente a assimetria existente entre as duas rodas. Ela se deve ao fato de que quando Fiore redigia sua obra não havia se cumprido o tempo que separava o cumprimento do primeiro estado e aquele que faltava para o cumprimento do segundo (estado do Filho). Todavia, ao cumprir-se este período filial, a roda menor se alongaria e teria a mesma mensura da outra que representa o estado paternal. O motivo pelo qual as duas rodas deverão ter a mesma medida, após o cumprimento do Novo Testamento, é porque as histórias dos dois testamentos são paralelas e guardam similaridades, ou seja, são concordantes entre si. Por isso, devem o diâmetro das rodas devem ser iguais.⁵ Isso ilustra que a concepção de história joaquimita é a história do mundo que se inicia com a criação divina e a partir da qual se desenrola a história humana que é revelada pelos acontecimentos que tomam lugar no mundo.

Fiore teve uma maneira de interpretar o fim do Novo Testamento que causou divergência entre seus coetâneos. Para ele, a história do primeiro *status* completou-se nos relatos do Antigo Testamento. Contudo, não aconteceria o mesmo com o Novo Testamento. Então, o fim deste estaria previsto pelo livro do Apocalipse de João. Na visão do abade calabrês, o livro juanino não tem a denotação de fim dos tempos, senão de um período de frutificação, porque as gerações de homens que atuaram no Antigo Testamento deram literalidade à história. No entanto, as gerações do Novo Testamento ainda eram futuras quando Jesus andou na terra, melhor dizendo, não haviam se

⁵ ROSSATTO, Noeli Dutra. *Imago Mundi. Da hermenêutica das figuras ao silêncio contemplativo*. In: BAUCHWITZ, Oscar Federico e BEZERRA, Cícero Cunha (Orgs). *Imagem e silêncio*. Tomo I. *Do neoplatonismo pagão ao neoplatonismo medieval*. Natal: Edufrn, 2009, p. 307-311.

cumprido, por isso, ainda não eram históricas. Elas foram profetizadas no livro do Apocalipse e apareciam seladas sob enigmas e figuras.⁶ Porém, quando o período do Espírito Santo frutificasse se veria o vulto de Deus. Então, como diz o apóstolo, quando Ele se manifestar seremos semelhantes e o veremos como ele é (Jo 1, 3).

II.2. Histórias Especiais (*especiales historia*)

Os círculos centrais que representam as histórias gerais são cingidos por quatro esferas menores que se reportam ao que Joaquim de Fiore chamou de histórias especiais. Elas fazem referência a cada um dos Testamentos e aludem aos quatro elementos formadores do mundo, (Terra, Água, Fogo e Ar), aos quatro animais, presentes no livro de Ezequiel, os quais estão associados a quatro ordens de homens que atuam na história: a ordem dos apóstolos, caracterizada pelo Leão; a ordem dos mártires, pelo Touro; a do Homem, representando a ordem dos doutores; e a Águia a dos contemplativos.⁷

Outra relação apontada é, respectivamente: o nascimento de Jesus Cristo, a paixão de Cristo, a ressurreição de Cristo, e por fim a ascensão de Cristo. Vejamos o esquema:⁸

Jó	Homem	Nascimento de Cristo	Mateus
Tobias	Boi	Paixão de Cristo	Lucas
Judite	Leão	Ressurreição de Cristo	Marcos
Ester	Águia	Ascensão de Cristo	João

Segundo Joaquim de Fiore, a história do mundo seria dividida em três estados, os quais estariam relacionados cada um com uma pessoa divina e uma escritura, figurando Jesus como o centro da história. O primeiro estado é o estado do Pai, ao qual está vinculado o Antigo Testamento; o segundo estado é o do Filho e o terceiro o do Espírito Santo. Porém, o Novo Testamento relaciona-se tanto com o Filho como com Espírito Santo, mas em tempos distintos. Não obstante, conforme a concepção joaquimita, o Espírito Santo

⁶ ROSSATTO, Noeli Dutra. *El círculo trinitario: la construcción del conocimiento y la historia en Joaquín de Fiore*. Tomo II - *Conocimiento e historia*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2000, p. 411-12.

⁷ JOAQUIM DE FIORE. *Introdução ao apocalipse*. Veritas, v. 47, n. 3, 2002, p. 453-471.

⁸ WEST, Delno C. and ZIMDARS-SWARTZ, Sandra. *Joaquim of Fiore. A study in spiritual perception and history*. Bloomington: Indiana University Press, 1983, p. 82 (Tit. castelhano: *Joaquín de Fiore. Una visión espiritual de la historia*. Tradução de Federico Patan. México: Fondo de Cultura Económica, 1990).

se manifestaria mais claramente no terceiro estado.⁹ As três pessoas da trindade, cada uma relacionada a uma Escritura, se entrelaçam, segundo a sua visão de história. O modo de ligar cada pessoa divina a um estágio da história e a um testamento, respectivamente, vem a público por meio de Geraldo de Borgo San Donnino, que redigiu um pequeno livro sobre a doutrina de Joaquim de Fiore, a qual foi inquirida pelo Protocolo de Anagni.¹⁰

III. O ensino dos sentidos da Escritura

Na tentativa de clarificar o sentido da escritura, Fiore remonta à antiga doutrina dos quatro sentidos. Para ele, no entanto, os sentidos da escritura medieval estão vinculados à existência de duas leituras básicas, a alegórica e a tipológica.

1) A leitura alegórica se subdivide em cinco variantes, a saber: a histórica, a qual estabelece a similitude entre as pessoas (*persona pro persona*); a moral, que trata das virtudes e vícios; a tropológica, referente aos níveis de expressão e do discernimento das palavras divinas no texto bíblico; a contemplativa, que indica passagem da vida ativa para a plena liberdade da vida contemplativa e a total liberdade no espírito; e finalmente, a anagógica, que permite a distinção dos elementos bíblicos relativos à vida terrena daqueles que são afins à futura vida celestial.

Os modos alegóricos da leitura da história compõem o arcabouço metodológico que permite compreender tanto um personagem, como uma passagem individual ou a totalidade de um texto da Escritura. Tal tipo de interpretação, como expressa o próprio abade, permite revolver a carapaça dura e exterior que envolve a noz, a fim de que possamos por fim chegar a saborear a doçura do fruto descascado.

Joaquim de Fiore lança mão do modo alegórico para poder interpretar de forma diferenciada a letra textual. Há um princípio bíblico, já seguido por Santo Agostinho (Séc. V) em suas *Confissões*¹¹, que o abade recorre e segue ao longo de sua obra: “A letra mata, e o espírito vivifica” (II Cor 3,6). Desse modo, a inteligência alegórica, em suma, procurará des-cobrir e des-velar as

⁹ JOAQUIM DE FIORE *apud* SARANYANA, Josep Ignasi. *Joaquim de Fiore y Tomás de Aquino. Historia doctrinal de una polémica*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1979, nota 398, p. 157: “*tertius status erit circa finem seculi iam nom sub velamine litere, sed in plena spiritus libertate*”.

¹⁰ ROSSATTO *et alii, cit.*, p. 306. Conjuntamente está publicada a tradução ao português do *Protocolo de Anagni*.

¹¹ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova cultural, 1999, Livro VI, Cap. IV.

várias capas de sentido carregadas pelas palavras divinas e pelos feitos históricos, frente à perspectiva da diversidade-na-unidade e segundo o protótipo das cinco relações interpessoais da Trindade.¹²

2) A leitura tipológica apresentará, de melhor modo, cinco variantes indicadas em suas obras *Concordia Novi ac Veteris Testamenti* e *Psalterium decem chordarum*. Agora já desvencilhado do problema de não saber quais personagens eleger como tipos e anti-tipos significantes, e como proceder de igual modo com os demais tipos, a compreensão tipológica obedece à seguinte lógica: o que foi anunciado vem a se revelar (anúncio/realização), o prometido se faz cumprir (promessa/cumprimento).¹³

Se, no modo alegórico, há a similitude entre o Antigo e Novo Testamento, em que, por exemplo, Jesus é o novo Adão; no modo tipológico, isto já não mais ocorre. Procura-se agora a dimensão espaço-temporal dentro de uma esfera histórica, que ultrapassa ambos os testamentos da Sagrada Escritura em direção a um terceiro estado do mundo. Com amparo no sistema trinitário – Pai, Filho e Espírito¹⁴ – se desenvolve o seguinte encadeamento argumentativo: o Pai lança as raízes, o Filho germina e o Espírito frutifica. O princípio de compreensão tipológica é o seguinte: dois significantes mostram um terceiro significado. Esse terceiro significado diz respeito ao futuro estado do mundo, o qual se estabelece na relação com os outros dois significantes, e que está por ser revelado na Era do Espírito.

3) A leitura por concórdia expressa a mediação entre o Antigo e Novo Testamento, e, em alguma medida, com o Evangelho eterno ou Evangelho do Espírito. Este último, sem letra, não seria escrito e a sua compreensão se daria de maneira totalmente espiritual.¹⁵ Uma das novidades, se assim podemos dizer, do pensamento joaquimista em relação à tradição que lhe antecedeu é a igualdade do Espírito Santo concernente ao Pai e ao Filho, bem como à

¹² ROSSATTO, *El círculo trinitario, cit.*, p. 411-12.

¹³ *Ibid.*, p. 363.

¹⁴ *Ibid.*, p. 369-370. “Em linguagem trinitária, estas duas categorias - espaço e tempo - reproduzem a mesma imagem da Trindade: o tempo se corresponde com as relações, isto é, será igual ao movimento (aqui eterno) de uma pessoa para outra na esfera intratrinitária. E o espaço se corresponderá com os modos próprios de cada pessoa, isto é, está pensado a partir da disposição das pessoas quando, correlacionadas simetricamente desde a dimensão do repouso, está cada uma delas em solitário (Pai, Filho, Espírito); as três juntas (Pai Filho Espírito); e cada uma delas já relacionadas entre si (Pai Filho, Filho Espírito, Pai Espírito)”.

¹⁵ *PROTOCOLO DE ANAGNI*. Tradução e estudo introdutório de Noeli Dutra Rossatto, Leila Teresinha Maraschin e Cláudio Reichert do Nascimento. *In: Filosofia Unisinos, cit.*, p. 299.

atribuição de um testamento próprio à era do Espírito, que na visão de Geraldo de Borgo San Donnino seria a própria obra de Joaquim de Fiore.¹⁶ Contudo, o Evangelho eterno seria desprovido de letra. Métodos hermenêuticos contemporâneos como, por exemplo, o de Wilhelm Dilthey e o de Paul Ricoeur, atribuem extrema importância à categoria de texto, como modo de acesso às intenções mentais do autor (Dilthey) e como elemento objetivo e autônomo em relação ao discurso/autor ou tradição que o originou (Ricoeur), através do qual se tem de compreender quais eram as intenções do autor, ou dos autores, se tratando dos textos bíblicos.

A própria Figura do Mundo, que pode ser objetivada como um “texto”, não alude em si ao “terceiro” testamento, tampouco dá indícios de um terceiro estado, visto que os dois círculos representam os dois testamentos. A inexistência de um terceiro círculo está relacionada, em alguma medida, à depreciação e ausência do elemento estrutural a ser interpretado, que era representado pelo texto bíblico, mas, sobretudo, em razão do cumprimento da história, porque Joaquim de Fiore redigiu seus escritos próximo ao final do século XII, por isso um dos círculos presentes na imagem é menor que outro, e como este ainda não havia alcançado o mesmo diâmetro daquele que representava o Antigo Testamento, não seria coerente que constasse um terceiro círculo.

A historiadora francesa Adeline Rucquoi afirma que, concernente ao pensamento de Joaquim de Fiore, o mais importante que compreender as relações que unem as três pessoas divinas é compreender o vínculo profundo que existe entre o Deus trinitário e a história humana.¹⁷ Noeli Dutra Rossatto, em seu livro *Joaquim de Fiore – Trindade e nova era*, defende uma unidade por coletividade, destacando a existência de relações internas (*ab intra*) e externas (*ad extra*) na interpretação trinitária levada a cabo por Fiore. Neste contexto, o que significam estes dois termos latinos? Do ponto de vista interno, não há uma separação entre as três pessoas divinas, o que significa dizer que as pessoas trinitárias estão conectadas *ab intra*, contudo há certas características que são próprias a cada pessoa.

Por exemplo, o Espírito Santo está relacionado com os acontecimentos referentes à sua aparição em forma de pomba (Arca de Noé) ou fogo (Pentecostes), ao forte ruído no céu no momento de sua anunciação, assim como o Pai está relacionado à ordenação do sacrifício de Isaac ou ao Dilúvio e

¹⁶ ROSSATTO, Noeli Dutra. *Joaquim de Fiore. Trindade e nova era*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 256; *Id.*, 2010, p. 332.

¹⁷ RUCQUOI, *ibid.*, p. 217-240.

a destruição de Sodoma a Gomorra. É próprio do acontecer da Trindade que o Espírito Santo derive do Filho, bem como do Pai, porém é próprio do acontecimento da Trindade que alguns eventos temporais e históricos somente sejam atribuídos a esta e não àquela pessoa. O que está em questão é que embora os acontecimentos referentes ao Filho se vinculem internamente ao Pai, eles somente podem ser atribuídos àquele, porque fazem parte da realização da história humana (*ad extra*), sem poder interferir no arranjo da Trindade, sob pena de tornar-se um acidente e deixar de ser um princípio ordenador.

Assim, as interpretações de Rossatto¹⁸ e de Falbel¹⁹ não se coadunam com a de Rucquoi, pois ambos destacam a associação do método por concórdia com os mistérios da Trindade e a relação mútua entre as pessoas que fazem parte dela.

É inegável que o modo como Deus interfere na história e na mentalidade dos homens tem um papel de destaque, mas é justamente por isto, ou seja, é justamente pelo quanto Deus age no mundo que se faz necessário entender de que maneira o “uno” – a unidade divina – apresenta por similitude formas históricas coletivas, tal qual a ideia de *polis* grega ou a *comunitas* cristã, que são anteriores e superiores aos singulares. Nesse sentido, Rossatto pergunta pelas características que devem ser levadas em conta como propriedades inerentes a cada pessoa. Se assumirmos a posição de Rucquoi, as relações pessoais passam a ter um papel secundário no sistema por concórdia de Joaquim de Fiore. Rossatto, por sua vez, indica o contrário: é a unidade por coletividade do ternário Pai, Filho e Espírito Santo que acaba por imprimir suas características na história humana.

O que foi dito acima, torna-se mais claro quando olhamos para a Figura do Mundo, bem como para a Figura dos três círculos que representam a trindade e, concomitantemente, a história. No primeiro caso, chegar à contemplação significa uma certa transposição ou superação do estado (primeiro estado) em que se compreendia pela exegese da letra ou daquele outro em que se compreendida por meio da interpretação de imagens, de enigmas e de figuras (segundo estado), ao momento em que se compreenderá de modo claro e distinto, já sem o auxílio destas duas formas de expressão que tinham por função mostrar a manifestação divina na história humana, e que poderiam ser “objetivadas” hermeneuticamente.

¹⁸ ROSSATTO *et alii, cit.*, p. 337.

¹⁹ FALBEL, Nachman. *São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202)*. Revista USP, v. 30, 1996, p. 273-276.

Porém, para isto era preciso que se sucedessem acontecimentos históricos descritos por meio de ações de personagens bíblicos (histórias especiais), os quais ganham sentido no interior da história geral.

No segundo caso, a Figura dos três círculos trinitários deixa ainda mais evidente essa necessidade de compreensão e caracterização das propriedades pessoais, porque é a “alimentação” (p. ex.: Pai e Filho enviam o Espírito Santo) e a “retroalimentação” (p. ex.: Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho) do futuro em direção ao passado e do passado em direção ao futuro que permitem falarmos de mediação do estágio da lei para o da graça, e deste para o de uma graça maior. Dito de outro modo, se tomarmos como objeto de estudo o terceiro estado, estado em que o Espírito Santo opera, é preciso ter em conta a relação de singularidade que distingue esta pessoa divina do Pai e do Filho, mas também levar em conta a pluralidade que se mostra no âmbito da história humana.

Conforme diz Rossatto²⁰, “todos atuam em todos e cada um atua em particular”. Esta sentença evidencia que a *ousia* divina está presente em todas as pessoas trinitárias que agem na interior da história geral, na qual é implícita a noção de eficiência histórica, porque se acredita que de um estado ao outro há um sentido de aprimoramento espiritual, em alguma medida, próximo daquilo que em Hegel é a mediação de uma figura da consciência a outra em busca de liberdade e autodeterminação.

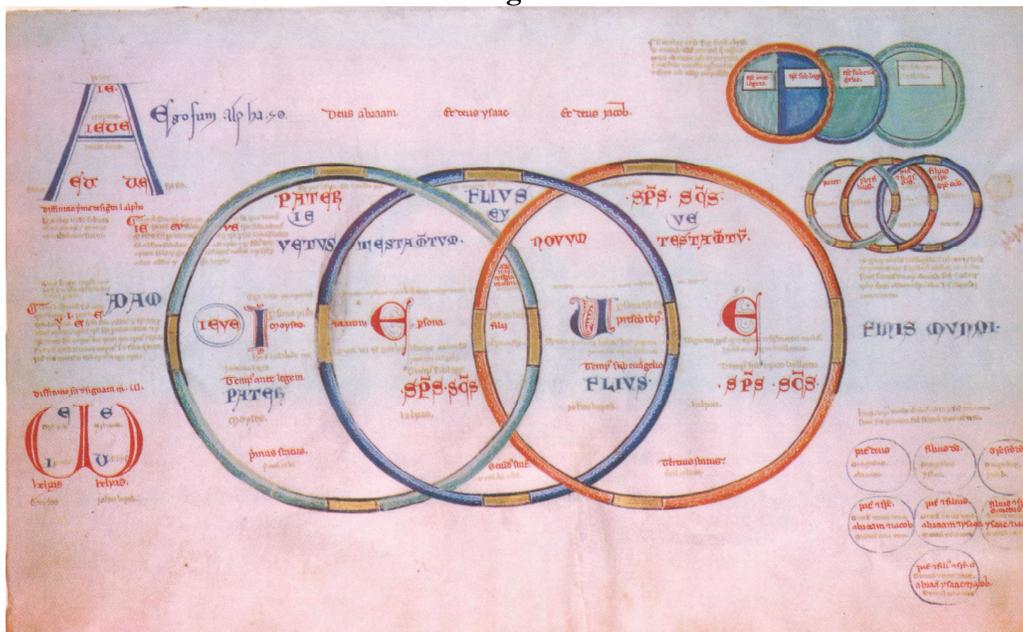
Contudo, evidentemente, as pessoas divinas ainda não podem ser pensadas como subjetividades, mas como a potência divina presente na história. Mesmo assim, há nas histórias especiais acontecimentos que são singulares e que somente podem ser compreendidos em relação à história geral.

Rucquoi tem razão em afirmar a importância do “(...) vínculo profundo que existe entre um Deus trinitário e a história humana”, mas ao dizer que Joaquim de Fiore “não intenta tanto compreender as relações que unem as três pessoas divinas entre si”²¹, coloca em segundo plano as histórias geral e especial que é justamente onde o abade queria apontar a presença do Deus uni-trino.

²⁰ ROSSATTO *et alii*, *cit.*, p. 242.

²¹ RUCQUOI, *ibid.*, p. 227.

Imagem 2



Círculos trinitários. Lo Specchio del Mistero – Le Tavole del Líber Figurarum di Giocchino da Fiore. (Catalogo della Mostra) Centro Internazionale di Studi Gioachimiti. San Giovanni: Pubblisfera, 2000.

Assim, ela mal interpreta a doutrina joaquimita na medida em que sua análise dá entrada ao triteísmo histórico, que ainda pesa como motivo de acusação e condenação da obra abade pela ortodoxia eclesiástica em diferentes períodos da Idade Média e posterior. A ideia de que há uma efetiva relação interpessoal na Trindade joaquimita, e que as mesmas compõem o núcleo comum de três que são um e um que são três (*tres sunt unum et unum tres*), desestima a tese de triteísmo, entendendo que tal acusação só encontra amparo desde o paradigma posterior, o da escolástica.

A discussão se, na visão de Joaquim de Fiore, a Trindade dá-se como “unidade por coletividade”, incidindo no triteísmo (cada pessoa é uma substância), traz à tona um dos temas mais controversos na doutrina joaquimita, que foi muito discutido nas últimas décadas do século passado (Russo, Crocco, Reeves, De Lubac²²) e permanece em voga ainda hoje entre os comentadores de Joaquim de Fiore (por exemplo: Rossatto, Saranyana).

²² Remetemos ao artigo de REINHART, Elisabeth. *Joaquín de Fiore y el IV Concilio Lateranense*, in *Anuario de Historia de la Iglesia*, v. 11, 2002, p. 102; e ROSSATTO, *Joaquim de Fiore. Trindade e nova era, cit.*, especialmente o capítulo III – “A trindade condenada”.

Para Saranyana,²³ não há argumentos sólidos capazes de enquadrar Joaquim de Fiore como “triteísta”, melhor dizendo, que: o Pai, o Filho e o Espírito Santo existam independentemente e não guardem relações entre si, e que ele tenha negado a unidade da essência de Deus, o que seria professar, em alguma medida, o arianismo, doutrina contra a qual o próprio abade se declarou contrário, condenando também o sabelianismo e a doutrina de Pedro Lombardo, como atesta o Protocolo de Anagni (1254-55) redigido pelos cardeais que avaliaram os escritos do frade Geraldo de Borgo San Donnino, que deu a conhecer a doutrina do abade calabrés, em sua *Introdução ao Evangelho eterno*.²⁴

Em seu artigo *Sobre el milenarismo de Joaquin de Fiore. Una lectura retrospectiva*, Josep Ignasio Saranyana expressa que:

Naquele período [segunda metade do século XII] tão contaminado de hiperrealismo, no qual as essências universais eram consideradas como subsistentes incorpóreos postos nas coisas sensíveis, cada um dos supostos existentes somente podia ser: ou um acidente de uma essência subsistente, ou ele mesmo uma essência subsistente. No caso da Trindade, se não se podia pensar que as Pessoas divinas fossem acidentes ou manifestações da essência divina, porque se incorreria em modalismo. Restava somente uma saída ao dilema: que cada Pessoa divina fosse ela mesma sua essência.²⁵

Descrevendo a ambiência do período, a passagem acima expressa como “modalismo” a doutrina do teólogo cristão Sabélio, excomungado no século III, a qual sustentava a existência de uma única substância divina e a indistinção entre esta e as pessoas da Trindade, em razão de serem iguais²⁶. Também exhibe um triteísmo pessoal, sem substância divina, que ficou

²³ SARANYANA, *ibid.*, p. 152.

²⁴ Tanto REINHARDT (2002) como ROSSATTO (2004) chamam atenção para a controvérsia que circunda a reprovação de Joaquim de Fiore pelos três cardeais (Ódone, cardeal da Toscana, Estevão, cardeal de Preneste, e Hugo, cardeal de Santa Sabina), que constituíram o grupo que avaliou o texto de Geraldo de Borgo San Donnino, referente à doutrina do abade. Segundo REINHARDT, *cit.*, p. 97, “es evidente que o concílio consuró la doctrina trinitaria de Joaquín, pero se han realizados diversos estudios sobre la influencia que pudieron tener en esa condena algunos personajes: el propio Inocencio III, los maestros de París y los cistercienses. El estudio de la historia redaccional de estos decretos apunta el propio Inocencio III como redactor y pone de manifiesto que, una vez leídos, fueron aprobados por aclamación de la asamblea. En este contexto consta también que Inocencio defendió a Pedro Lombardo contra Joaquín, a pesar de la gran estima que el papa tenía al fundador Florense como persona, no por afinidad doctrinal.”

²⁵ SARANYANA, Josep Ignasi. *Sobre el milenarismo de Joaquín de Fiore. Una lectura retrospectiva*, in *Teología y Vida*, v. 44, 2003, p. 223.

²⁶ SPINELLI, Miguel. *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia na época da expansão do cristianismo – Séculos II, III e IV*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 242-243.

conhecido como arianismo, porque alega a independência de uma pessoa a outra, e que cada uma contém sua própria substância. No entanto, Saranyana não faz referência a Pedro Lombardo que fora criticado pelo Joaquim de Fiore por haver vinculado o sabelianismo ao arianismo, gerando uma posição quaternarista, algo que ele classificou como ato de absurda ignorância.

Os pontos de divergências a respeito da matriz trinitária joaquimita podem indicar uma “unidade por coletividade” ou ser “triteísta”, ou ainda, a investigação de se haveria de fato um novo Evangelho, chamado Evangelho Eterno, coloca Joaquim Fiore em meio ao tema do milenarismo. Cumprido os mil anos a partir do envio de Jesus homem – marco central da história humana e da encarnação do Verbo divino (Jo 1, 13) –, segundo o livro apocalíptico de João (Ap 20, 1-3), haveria um momento de atribulação no qual o Dragão, imagem alegórica do Diabo, a antiga serpente do Gênesis, seria solto, mas não por muito tempo.

Em verdade, no pensamento do abade, o número 1000 não é tão central, quanto é o número 1260, oriundo do cálculo das gerações em que uma geração ideal é de 30 anos, equivalendo à idade aproximativa de Jesus²⁷. O número 1260 expressaria a crise da era do Filho (segundo estado) e a frutificação da era do Espírito Santo (terceiro estado), mas sem a ideia de um fim do mundo e da história neste período. Saranyana²⁸ afirma que como o terceiro estado é apropriado ao Espírito Santo, disto poder-se-ia derivar a existência de pós-milenarismo em Joaquim Fiore, porque já se prescindiria dos signos e das figuras que dessem literalidade. Sem discutir esta tese, vamos recuperar a crítica que Tomás de Aquino dirige a Joaquim de Fiore, tendo em vista que a Nova Lei, isto é, o Evangelho de Cristo seria substituído pelo Evangelho eterno.

IV. A doutrina do Espírito Santo e o suposto milenarismo joaquimita

As doutrinas do Espírito Santo, nas mãos do abade florense, passam a ter como base o deslocamento da chamada Nova Lei, ou seja, a lei introduzida a partir da vinda de Cristo, do Novo Testamento e da era Cristã. Estas

²⁷ O número 1260 é referido duas vezes como 1260 dias, no livro joanino (Ap 11, 3; 12, 6). Chega-se também ao número 1260 por meio do cálculo de gerações. No livro de Mateus (Mt 1, 1), há uma sequência de 14 gerações em três períodos, sendo que a soma de todos os períodos resulta no número 42. Este multiplicado por 30, idade aproximativa de Jesus, resulta no número 1260. Ver estudo detalhado em: ROSSATTO, Noeli Dutra; ERICKSON, Glenn Walter. *O número 1260 em Joaquim de Fiore*. Humanidades em Revista, v. 3, n. 4, 1997, p. 63-73.

²⁸ *Ibid.*, p. 230.

doutrinas vão pregar, entre outros pontos polêmicos tanto para a tradição quanto para a escolástica, a transformação da hierarquia eclesiástica e a necessidade de substituir o Evangelho de Cristo, bem como a Nova Lei dele decorrente, por outra doutrina superior. Tomás de Aquino vai discutir o problema da caducidade da Nova Lei na *Suma Teológica*.²⁹ Nesta questão da *Suma*, ele discute se o Evangelho de Cristo ou a Nova Lei será vigente até o fim dos tempos, ou se será substituído por outro ao longo da história, conforme se podia derivar dos escritos de Joaquim de Fiore. Para isto, o escolástico apresenta quatro argumentos que guardam raízes joaquimitas, embora a fonte de tais argumentos não esteja especificada pelo *magister* escolástico.

O primeiro argumento se embasa na alusão que faz o apóstolo Paulo em sua *Carta aos Coríntios* (Cor 13, 9-10), ao dizer que chegará uma época em que se deixaria de profetizar e se veria tudo de modo completo, sendo que o imperfeito seria substituído por aquilo que é perfeito. Assim, dado que a Nova Lei estaria incompleta, haja vista que viria um tempo de maior completude, ela deveria se tornar obsoleta: outro estado mais completo e perfeito ocuparia seu lugar. Este argumento fazia do livro do jovem franciscano Geraldo de Borgo San Donnino – condenado e hoje desaparecido³⁰ – que retomava aquilo que Joaquim de Fiore havia dito a respeito da passagem do apóstolo Paulo ao escrever a *Carta aos Coríntios*. O que significa dizer em linguagem joaquimita: a história encontrava-se na era do Filho, no qual se via ainda por figuras e enigmas e, por isso, em parte se conhecia e em parte profetizava.

Era em decorrência disso que o apóstolo Paulo falava que se derivava a tese da necessidade de um vindouro estado de perfeição que tomaria o lugar da Nova Lei. De outro modo, Joaquim de Fiore se referia a um tempo de caridade (*caritas*), que compreendia a futura Era do Espírito e, ao mesmo tempo, o terceiro estado do mundo. A era do Espírito, por sua vez, estaria desvinculada de uma hermenêutica que recorre ainda aos enigmas e as figuras (tipos) do antigo e Novo Testamento, pondo fim ao reino da carne ou da letra e iniciando o reino do Espírito, isto é, a superação de todas as formas de literalidade.

Tomás de Aquino contra-argumenta dizendo que a Nova Lei não era transitória e sua plenitude de perfeição não estaria sujeita a uma periodização histórica. Tal posição se contrapõe diretamente ao que propugnara o abade de

²⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Correa. Porto Alegre: Sulina/Est/Ucs, 1983, I-II, q. 6, a. 4.

³⁰ ROSSATTO *et alii*, *ibid.*, p. 328.

Fiore, o qual concebia três estados (*status*), sendo que os mesmos se realizariam numa dimensão intra-histórica. A resposta tomasiana virá por meio do emprego de uma antiga autoridade: trata-se da concepção tripartida da história humana sugerida por Dionísio Areopagita ou Pseudo-Dionísio (autor neoplatônico do século IV, na época confundido com São Dionísio, que era amigo do apóstolo Paulo e fora apedrejado no areópago de Atenas). Para o Pseudo-Dionísio, a vida da humanidade era dividida em três fases. A primeira fase estaria composta pela lei antiga; a segunda, pela nova lei e a terceira fase, não seria realizada nesta vida, mas numa vida futura que se daria numa esfera celeste atemporal, o que significa dizer, fora da história.

No segundo argumento, Tomás de Aquino, expressando a matriz joaquimita, diz que o Senhor prometeu aos seus discípulos o envio do Espírito Santo, e que por ele se conheceria toda a verdade (*omnem veritatem*). Contudo, pondera Tomás, durante a vigência do Novo Testamento ou do segundo estado do mundo, a Igreja ainda não teria pleno conhecimento da verdade. Em decorrência disto, era preciso esperar outro estado para que, por intermédio do Espírito, toda a verdade fosse revelada.

A fim de se opor à doutrina joaquimita do advento do Espírito, Tomás de Aquino alerta que, se houvesse outra vinda do Espírito, teríamos que renegar todos os feitos dos Apóstolos, dado que a vinda do Espírito Santo, anunciada por Cristo, já se havia cumprido no dia de Pentecostes. O escolástico explicita, por fim, na *Suma teológica*³¹, que a aparição do Espírito Santo em Pentecostes malogra a intenção daqueles que profetizam uma nova era do Espírito. O intento de Tomás de Aquino, não é, portanto, negar a figura do Espírito Santo, pois, ele é quem ensinou aos apóstolos os mandamentos dados por Cristo, mas rechaçar qualquer doutrina que proponha uma Nova Era, sob a égide do Espírito Santo.

O terceiro argumento, de Tomás de Aquino, aborda o que compõe o centro da doutrina de Joaquim de Fiore: o chamado terceiro estado do mundo. A doutrina joaquinita pode ser resumida a um esquema triádico, que conserva a história em seu interior, correlacionando o Antigo, o Novo Testamento e o Evangelho Eterno, que seria o testamento sem letra da Era do Espírito. Este último seria produzido pela síntese ou hermenêutica (por concórdia) dos dois testamentos, o que os desvincularia do imediato sentido literal, pregado pela escolástica. Nesse esquema, o primeiro estado (*status*) ou época, diz respeito à era do Pai, durante a vigência do Antigo Testamento; a era do Filho, localizada no Novo Testamento, refere-se ao segundo estado (*status*). O

³¹ TOMÁS DE AQUINO, *ibid*, I-II, q. 106, a. 4 ad 2.

terceiro estado (*status*), por sua vez, é o do Espírito Santo, referindo-se ao Evangelho Eterno.³² Se, no estado paterno, os homens haviam erigido e engendrado segundo a carne; no filial, época da nova lei e de predomínio dos clérigos, deveriam cultivar a sabedoria de viver entre a carne e o espírito. Já na Era do Espírito, predominariam os homens espirituais.

O quarto e último argumento levantado pelo escolástico tem como base a prerrogativa da *lectio historiae* (leitura da história) joaquimita, segundo a qual, durante o período do Evangelho do Reino, o evangelho foi predicado em todo o mundo e não se chegou ao fim dos tempos. Então, segundo Tomás, não deve ser outro evangelho que vigorará antes do fim da história, ou seja, não vigorará o Evangelho do Espírito Santo, também denominado de terceira lei.

V. Conclusão

Segundo o pensamento joaquimita, não haveria um testamento próprio para a era do Espírito. A compreensão espiritual (*intelectio spiritualis*) dar-se-ia por meio da leitura por concórdia do Antigo e do Novo Testamento, sendo um estado de graça em que o Espírito atuaria de forma plena. Por sua vez, Tomás de Aquino se opõe ao abade Joaquim, porque discorda da possibilidade de uma lei do Espírito vir se sobrepor à Nova Lei. A justificativa tomasiana se embasa na *Carta aos Romanos* (Rm 8, 2), cuja passagem aponta que a lei enviada por Deus seria cumprida de acordo com o Espírito Santo, melhor dizendo, não necessitaria de uma terceira era, porque ele já estaria agindo durante o período do Filho.

Tomás de Aquino argumenta que Joaquim de Fiore aborda as três eras, a era do Pai, a era do Filho e a era do Espírito Santo, estando cada uma delas sob um determinado símbolo, respectivamente, a saber: a lei, a graça, e, por fim, uma graça maior que a anterior. Em seguida, a resposta do escolástico à proposição joaquimita é que não faz sentido propor que o Evangelho de Cristo, a segunda era (era do Filho), esteja desvinculado do Evangelho do Reino, pois Cristo haveria comunicado a proximidade do Reino de Deus.³³

³² Para exemplificar, o Primeiro Estado está ligado à figura do Pai e ao Antigo Testamento. O Segundo, ao Filho e ao Espírito Santo, e ao Novo Testamento. Por fim, o Terceiro ao Espírito Santo e ao Evangelho Eterno (*Intelligentia spiritualis*).

³³ Quando se refere aos *Evangelhos de Cristo* e *Evangelho do Reino*, o termo predicado possui duplo sentido. Primeiramente, trata-se da propagação da mensagem de Cristo, a qual foi difundida em todo o mundo, e já no tempo dos Apóstolos. Diante deste primeiro sentido se propõe a expressão latina *et nunc erit consummatio* – “e agora é cumprido”, fazendo menção à destruição de Jerusalém. Num segundo sentido, pode-se entender a pregação do

Tomás de Aquino se posiciona contra a doutrina de Joaquim de Fiore, porque, para ele, apesar da possibilidade da sobreposição de um novo estado (ou era) à Nova Lei, isto não ocorrerá. Cabe deixar claro que a discussão proposta por Tomás de Aquino, acerca da doutrina de Joaquim de Fiore, dá-se após a morte do abade calabrés, pois quando nasceu Aquino, Fiore havia falecido há de vinte anos. A questão central é sobre o advento do Evangelho do Espírito Santo, pregado por Joaquim de Fiore, o qual se daria num terceiro estado.

A resposta a esta questão envolve a concepção de história pensada por Fiore desde uma matriz teórica que relaciona as Escrituras, a Trindade e a história. A Era do Espírito Santo dar-se-ia num terceiro momento da história, o qual frutificaria nas gerações compreendidas pelo ano 1260. Como o debate ocorre próximo a este período, pode-se notar a influência que isto teve na mentalidade da época.

Entretanto, para o aquinatense, a doutrina joaquimita não fazia mais que instaurar um problema, porque não contribuiria, nem dogmaticamente, nem exegeticamente, para a compreensão da Bíblia, e ainda comprometia a coerência da revelação dada no Apocalipse, porque, para o abade Joaquim, este livro não se relacionava ao fim dos tempos, mas ao fim do estado filial e o anúncio de uma Nova Era, em seu apogeu a partir do ano 1260.

Joaquim de Fiore entende que a revelação não se encerrou com o Novo Testamento, o qual seria ultrapassado, no plano hermenêutico, pela compreensão a espiritual (*intelligentia spiritualis*) da Escritura e da história; e no plano histórico, pelo advento do terceiro estado espiritual. Curiosamente, esta proposta do abade deu margem a uma interpretação mais radical que previa a extinção da própria ordem clerical (*ordo clericorum*), no decorrer do segundo estado, o que acarretaria não mais seguir os mandamentos de Roma e o comando espiritual de uma nova ordem monástica (*ordo monachorum*). Então, com a ascensão do Espírito Santo a Igreja clerical deixaria de exercer o papel de mensageira da obra divina.

evangelho em todo o mundo como difusão da palavra divina com vistas à fundação da igreja.

Fontes

- JOAQUIM DE FIORE. *Introdução ao apocalipse*. Veritas, v. 47, n. 3, 2002, p. 453-471.
SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova cultural, 1999.
TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Correa. Porto Alegre: Sulina/Est/Ucs, 1983.
PROTOCOLO DE ANAGNI. Tradução e estudo introdutório de Noeli Dutra Rossatto, Leila Teresinha Maraschin, Cláudio Reichert do Nascimento. In: Filosofia Unisinos, v. 11, n. 3, 2010, p. 298-339.

Bibliografia

- BÍBLIA SAGRADA. 42ª edição. São Paulo: Editora Paulinas, 1986.
FALBEL, Nachman. *São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202)*. Revista USP, v. 30, p. 273-276, 1996.
REINHARDT, Elisabeth. *Joaquín de Fiore y el IV Concilio Lateranense*. *Anuario de Historia de la Iglesia*, v. 11, p. 95-104.
ROSSATTO, Noeli Dutra. *El círculo trinitario: la construcción del conocimiento y la historia en Joaquín de Fiore*. Tomo I - *La Trinidad*; Tomo II - *Conocimiento e Historia*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 2000, 555 pp. (Tese doutoral).
_____. *Imago Mundi. Da hermenêutica das figuras ao silêncio contemplativo*. In: BAUCHWITZ, Oscar Federico e BEZERRA, Cícero Cunha (Orgs). *Imagem e silêncio*. Tomo I. *Do neoplatonismo pagão ao neoplatonismo medieval*. Natal: Edufrn, 2009, p. 307-348.
_____. *Joaquim de Fiori. Trindade e nova era*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
_____. *Filosofia e leitura medieval*. Educação, v. 27, n. 2, 2002, p. 35-49.
_____. *Milenarismo*. In: BARRETO, Vicente de Paulo; CULLETON, Alfredo. (Orgs.). *Dicionário de Filosofia Política*. 1ª ed. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2010, v. 1, p. 344-347.
ROSSATTO, Noeli Dutra; ERICKSON, Glenn Walter. *O numero 1260 em Joaquim de Fiore*. Humanidades em Revista, v. 3, n. 4, 1997, p. 63-73.
ROSSATTO, Noeli Dutra; MARASCHIN, Leila Teresinha; REICHERT DO NASCIMENTO, Cláudio. *Evangelho eterno: a hermenêutica condenada*. Filosofia Unisinos, v. 11, n. 3, 2010, p. 298-339.
RUCQUOI, Adeline. *“No hay mal que por bien no venga”: Joaquín de Fiore y las esperanzas milenaristas a fines de la Edad Media*. Clio & Crimen, n. 01, 2004, p. 217-240.
SARANYANA, Josep Ignasi. *Joaquim de Fiore y Tomás de Aquino. Historia doctrinal de una polémica*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1979.
_____. *Sobre el milenarismo de Joaquín de Fiore. Una lectura retrospectiva*. Teología y vida, v. 44, 2003, p. 221-232.
SELGE, KurtVictor. *La edición crítica de las ‘Opera omnia’ de Joaquín de Fiore*. Anuario de Historia de la Iglesia, v. 11, 2002, p. 89-94.
SPINELLI, Miguel. *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia na época da expansão do cristianismo – Séculos II, III e IV*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
WEST, Delno C., ZIMDARS-SWARTZ, Sandra *Joachim of Fiore. A study in spiritual perception and history*. Bloomington: Indiana University Press, 1983. (Tit. castelhana: *Joaquín de Fiore. Una visión espiritual de la historia*. Tradução de Federico Patan. México: Fondo de Cultura Económica, 1990).